

Roqueiros vivem a mesma crise econômica dos seus fãs

Eles se queixam dos preços altos, da falta de planos para o País e do ministro da Fazenda

CELSON FONSECA

N o imaginário dos fãs, o cotidiano de um roqueiro não permite rotina, nem preocupações banais, como inflação, perda do poder aquisitivo ou a busca cansativa por preços mais acessíveis. São integrantes, na opinião do público, de uma elite de despreocupados e endinheirados bon-vivants, que não estão nem aí para juro extorsivos ou novos impostos. Não é bem assim. Que o diga Marcelo Fromer, guitarrista dos Titãs, uma das principais bandas do rock nacional. Fromer é um desecantado completo com o estado da economia do País. "Tenho vergonha e nenhuma esperança", diz.

Entre uma viagem e outra para o Rio, onde grava um clipe, Fromer perdeu quase seis horas pesquisando preços em lojas de material de construção da cidade, na semana passada. Com seu marceneiro a tiracolo, percorreu inúmeras lojas até conseguir encontrar um lote de ferragens a preços realmente satisfatórios, para a casa que constrói, na Granja Viana. "Parece mentira, mas numa loja, cheia, com atendimento péssimo, quiseram me cobrar US\$ 2.500 pelo material que, depois de muitas andanças achei por US\$ 900", conta. "Cheguei ao cúmulo de comprar caixa d'água em Maringá, no Paraná, porque era o lugar mais barato."

Nem a indicação de Fernando Henrique Cardoso para o Ministério da Fazenda aliviou o desencanto de Fromer. "Acho o cara meio



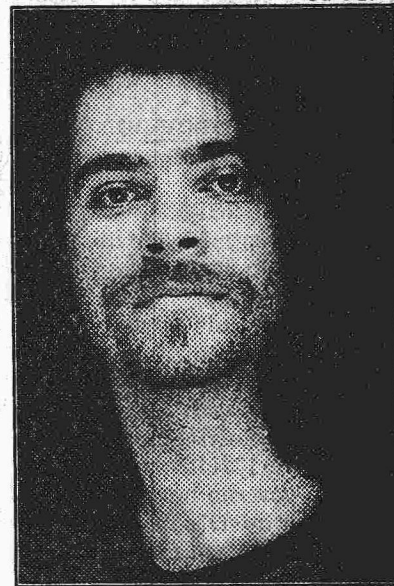
Marcelo Nova: só trabalho

carreirist", diz. "Isso aqui não vai consertar tão cedo, não tem solução, é um inferno e na primeira chance concreta de sair do País me mando."

Toni Belotto, companheiro de guitarra de Fromer nos Titãs, chegou a acreditar na disposição de Fernando Henrique Cardoso, mas logo "caiu na real". "Não tenho conhecimento teórico de economia, mas me animei quando o Fernando Henrique foi indicado." Mas, diz, "a frustração voltou logo e estou desanimadíssimo".

Belotto acreditou no Plano Collor: "Achei que se fosse para o bem do País, teríamos que encarar." Hoje, compartilha com Fromer de uma enorme decepção. "Esta situação me aflige muito, tenho uma filha de 11 anos na escola e o pagamento sobe todos os meses, o que não acontece com os ingressos para os shows". Segundo Belotto, antes os fãs queriam autógrafos. Hoje, querem in-

**OS FÃS JÁ
NÃO PEDEM
AUTÓGRAFOS;
ELES AGORA
QUEREM
INGRESSOS DE
GRAÇA**



Carlos Maltz: terceira via

gressos gratuitos.

Penúria — Marcelo Nova, ex-fundador do Camisa de Vênus, último parceiro de Raul Seixas e hoje bandleader do grupo Envergedura Moral, é outro roqueiro na penúria. Não tem dinheiro para trocar o carro, um Monza 85, embora não pare de trabalhar. "Na hora de pagar escola, ou a fralda das crianças (tem três filhos), o carro dança", diz. "Para conseguir comida e roupa lavada para minha família sou obrigado a tocar todo final de semana", afirma. "Isso depois de 14 anos de estrada."

Carlos Maltz, baterista do trio Engenheiros do Hawaii, vê o Brasil sucumbindo num "clima de apartheid", onde "a maioria morre de fome e uma panelinha fica vivendo no Primeiro Mundo". Para ele, a solução está numa "terceira via" econômica, que coloque a maioria numa "situação decente". "O Brasil precisa apostar em suas características e vocações, culturais e econômicas." Maltz é o menos indignado com o governo. Para ele, a solução não vai chegar rápido. "Vai precisar de mais uns dez ministros da Economia", diz. "Os caras deste governo pelo menos não posam de superstar."